

## ENTREVISTA

### AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

*Realizada em 29 de outubro de 2015*

Nas décadas de 1950 e 1960 participou de movimentos de vanguarda poética. Em 1961 diplomou-se em Letras Neolatinas, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UMG, atual Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Em 1965 lecionou na Califórnia (Universidade de Los Angeles - UCLA), e em 1968 participou do Programa Internacional de Escritores da Universidade de Iowa, que agrupou 40 escritores de todo o mundo. Em 1969 doutorou-se pela Universidade Federal de Minas Gerais e, um ano depois, montou um curso de pós-graduação em literatura brasileira na PUC do Rio de Janeiro. Foi Diretor do Departamento de Letras e Artes da PUC-RJ, de 1973 a 1976, realizando então a “Exposia”, série de encontros nacionais de literatura. Ministrou cursos na Alemanha (Universidade de Colônia), Estados Unidos (Universidade do Texas, UCLA), Dinamarca (Universidade de Aarhus), Portugal (Universidade Nova) e França (Universidade de Aix-en-Provence). Sua tese de doutorado abordou uma análise da poética de Carlos Drummond de Andrade, com o título *Drummond, um gauche no tempo*, em que faz uma análise do conceito de gauche ao longo de sua obra literária. Durante os anos de 1990-1996 foi presidente da Fundação Biblioteca Nacional, onde desenvolveu grandes ações de incentivo à leitura, como o Sistema Nacional de Bibliotecas. Foi cronista no Jornal do Brasil (1984-1988) e do jornal O Globo até 2005. Atualmente escreve para os jornais Estado de Minas e Correio Brasiliense. É casado com a também escritora Marina Colasanti. (Fonte: Wikipédia - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Affonso\\_Romano\\_de\\_Sant%27Anna](https://pt.wikipedia.org/wiki/Affonso_Romano_de_Sant%27Anna))

**Professare:** Affonso, ainda que tenhamos fornecido aos nossos leitores algumas informações a respeito da sua carreira, por favor selecione e conte aquelas passagens que foram realmente culminantes para a construção da sua identidade como escritor.

**Affonso Romano de Sant'anna:** Aprendi que o professor ensina à revelia dele mesmo. Cada aluno retém aquilo que ele quer. O temperamento, coisas faladas ao acaso, dizem mais que as aulas (às vezes). Botei isto na crônica “Desaprendendo a lição” a partir da frase de Barthes: tem uma hora em que a gente ensina o que sabe, mas chega uma hora em que a gente ensina o que não sabe. Aí o curso fica mais interessante. Outra coisa: ter lecionado nos Estados Unidos, França e Alemanha me ajudou a ver o país de fora para dentro. Você fala em Drummond e ninguém sabe quem é. Fiquei mais humilde lecionando por aí. O Brasil não tem nenhum projeto de exportação de nossa cultura - só exporta mulatas e jogadores de futebol. Tentei convencer o próprio Roberto Marinho que precisamos de uma televisão internacional que exporte a nossa cultura. Não adiantou nada. Numa feira em Miami, por exemplo, quando a Espanha mostrava Cervantes e sua literatura, mostrávamos um show de mulatas. Quando estive na Biblioteca Nacional, implantamos vários programas para sanar isto, um deles é o financiamento de traduções. Esse programa foi ampliado e deve ter servido muito à literatura.

**Professare:** Agora o lado do professor que foi um dia: tem saudade do magistério? Sim ou não, mas dê as razões para tal.

**Affonso Romano de Sant'anna:** Hoje só faço palestras e vou a congressos de literatura. Não oriento teses nem participo de bancas. Concentro-me em minha produção. Tenho o trabalho de cronista, de ensaísta e de poeta, o que me toma muito tempo. E também vivo me metendo em política. Cobrei de vários governos um projeto cultural. O Aécio Neves, por exemplo, havia me pedido projetos para área da cultura e acabei aceitando redigir o seu programa cultural de governo, pois estou nisto a vida inteira. Mas a coisa de ser Ministro não me seduz. Recusei várias vezes - como conto no “Quase diário” que começarei a publicar no ano que vem.

**Professare:** Um pulo para a sua leitura de mundo... Affonso, conte pra gente qual a análise que faz da realidade brasileira hoje, focando especificamente o comando político do nosso país. O que sente e presente?

**Affonso Romano de Sant’anna:** Outro dia peguei por acaso um livro do Patriarca da Independência, José Bonifácio; coisa de 200 anos atrás. Não mudamos muito. O caráter do brasileiro continua ligado à corrupção e ao amor às aparências. Como sabe, tenho um livro “Que país é este?” (Editora Rocco). De 1980. Em 2010, trinta anos depois, fiz mais uma edição comemorativa, e a mesma pergunta continuava. Aprendi, que essa pergunta vale para Israel, Estados Unidos, Síria, etc. Aprendi que países são coisas novas, que podem desaparecer. Muitos não existiam no Século XVIII. Antes era a cidade-estado, etc. Acrescento: fim dos anos 60, do mito da Sierra Maestra, mas vi o fim do comunismo recentemente. Eu estava em Moscou e vi a bandeira do tempo do Czar entrar na Praça Vermelha. O que há na China é uma mistura estranha de autoritarismo e capitalismo. Nossa geração viveu muitas ilusões/desilusões. “Estava você lá quando crucificaram My Lord?” Ou, como diria Homero, “Que idade tinhas tu, meu querido amigo, quando vieram os persas?”. Quando vi amigos meus se jogando na guerrilha nos anos 70, percebi que estavam confundindo “fé” com política. Disse isso ao Gabeira quando o visitei na prisão e ele entendeu. Devo esclarecer que falo de “fé” com conhecimento de causa, pois tinha dois tios pastores e ia eu mesmo ser pastor. Troquei de imaginário. A literatura é uma forma de “pregação” também.

**Professare:** Escrever, para você, é inspiração ou batalha cerrada com a linguagem? Conte pra gente como é o seu processo de criação, talvez indiciando conselho ou outro para quem deseja se tornar um escritor.

**Affonso Romano de Sant’anna:** A UNESP lançou a coleção ARS. Publiquei 3 livrinhos. Ali tem um livrinho onde discuto o processo criativo em Drummond, Cabral e outros. Acredito tanto no trabalho racional quando na “epifania” - um pode leva ao outro (ou não). Tenho uma crônica em “Entre o leitor e autor” (Editora Rocco) que narra a “epifania” que tive quando fazia a tese sobre Drummond quando morava nos Estados Unidos.

**Professare:** Geralmente os escritores têm um interlocutor para a primeira leitura das suas criações. Você também o tem? Quem seria? Por que essa pessoa e não outra?

**Affonso Romano de Sant’anna:** É um luxo ter Marina ao meu lado. Temos coisas um do outro e isto ajuda. O olhar do outro ilumina. Às vezes discordamos, mas sempre se aprende algo. Nos Estados Unidos existem os cursos de criação literária. A pessoa passa três ou quatro anos aprendendo os macetes da escrita. Claro que o talento individual é fundamental. Tem gente que nasce pronta como Clarice Lispector; tem gente que aprende duramente, como Guimarães Rosa.

**Professare:** Dando um salto da análise da conjuntura política para a educacional, julga que a educação brasileira melhorou ou piorou? Tenha como parâmetro a escola básica (primária, ginásio, etc.) que você frequentou no passado.

**Affonso Romano de Sant’anna:** Quando me formei em Neolatinas éramos obrigados a estudar: literatura e línguas da Espanha, França, Itália, América Latina, Portugal e Brasil. Escrevi os trabalhos nessas línguas. Aí veio a reforma MEC-USAID, creio que em 68, e as pessoas passaram a estudar uma só língua e uma só literatura. Depois veio a Ditadura e o ampliaram o vestibular - de 100 mil passamos para mais de um milhão de inscritos nas universidades. Depois veio o “populismo” do governo petista. Houve avanço em algumas áreas, mas estamos numa enrascada: os pobres foram jogados na sociedade de consumo e passam a ser consumidos. Recentemente vimos o equívoco da “pátria educadora”. Daí vem o Janine que saiu atirando e denunciando que o PT perde a luta com a falta de ética.

**Professare:** O Affonso leitor lê o quê? Tem também ódio por determinados escritores e paixão por outros? Quais?

**Affonso Romano de Sant’anna:** Na adolescência li “Jean Christophe” (sete volumes) de Romain Rolland. Hoje se lê “Harry Potter” e existem livros de colorir. Quando eu pagava meus estudos no científico, carregava na bolsa livro de representante de produtos domésticos, vários livros de poesia e ia lendo nos intervalos. Aprendia amar os clássicos. Como diz um slogan da Rádio MEC - “Moderno é ser clássico!” Tenho enorme admiração por Mário de Andrade, que figura! E nunca saiu do Brasil! Na minha cidade praticamente não havia livrarias, eu mesmo colava em álbuns, poemas e textos de autores

que gostava. Frequentava a biblioteca do SAPS e do SESI e seguia a vida. Sempre fui meio ousado: quando morava em Minas, mandei artigos para o Suplemento Literário do Jornal do Brasil e para a revista “Senhor”. E publicaram. Não conhecia ninguém no Rio, mas acreditava em certas coisas. E acabei aos 17 anos conhecendo Drummond e Bandeira (registrei isto em minhas crônicas).

***Professare:*** Estamos querendo fazer, aqui em Caçador (SC) uma reunião nacional dos movimentos brasileiros do PROLER que, apesar da perda do seu eixo central, conseguiram sobreviver a duras penas e ainda conseguem fazer um trabalho consequente na esfera da promoção da leitura. Aqui em Santa Catarina temos algumas fortes e ativas unidades do PROLER. Retomando a sua memória, quando estive à frente da Biblioteca Nacional e tendo inaugurado o Proler junto com Eliana Yunes, como vê essa reunião e que sugestões teria a dar para a sua organização.

**Affonso Romano de Sant’anna:** O PROLER foi o mais ousado programa de leituras que tivemos. Contra a máquina do governo, conseguimos cabeça-de-ponte em 300 municípios. Tínhamos projetos concretos de *Bibliobarco* na Amazônia e no Rio São Francisco. Fizemos o projeto do *Trem Biblioteca* que saíria do Sul até a Bahia, fazendo programas de leitura nas estações. Isto tudo foi liquidado pelo Francisco Weffort e Eduardo Portela – exemplos de “Homens de Letras”... Mas em toda parte onde vou o PROLER resiste: do sul da Bahia a Blumenau, em toda parte alguém me diz que o PROLER mudou a vida de muitas pessoas. Hoje o programa “Viva Leitura” merece citação e no meu livro “Ler o Mundo” (Global Editora) cito muitos programas que são sucesso, além do PROLER.

***Professare:*** No seu livro “Entre leitor e autor”, que acabou de sair do forno (RJ: Editora Rocco, 2015), você viaja por entre as suas experiências, tecendo histórias a respeito do seu encontro com grandes escritores, sugerindo caminhos aos aprendizes de escritor e revelando conhecimentos desenvolvidos na sua trajetória de vida. O estilo da escrita é solto, sem a preocupação com citações extensas, referências e outros aspectos formais. Julga que assim consegue atingir

melhor os interlocutores do seu livro ou seria por que está cansado das formalidades da escrita?

**Affonso Romano de Sant’anna:** Esse livro é quase um livro de memórias. Tem ali contatos com Clarice, Drummond, Bandeira, Octavio Paz, Michel Foucault e a pretensão de passar alguma experiência para os mais novos. É uma conversa amena, em estilo de crônica. Enfim, uma conversa que gostaria de ter tido quando era mais jovem e queria saber das coisas.

**Professare:** Além de agradecer a sua disposição e disponibilidade para essa rápida entrevista, deixamos um espaço aberto para você “responder aquilo que não perguntamos...”. Uma palavrinha aos professores catarinenses seria muito bem-vinda - fique à vontade para dizer...

**Affonso Romano de Sant’anna:** Queridos: todo mundo ensina. Pena que nossos presidentes e políticos não saibam disto. Eu vivo aprendendo. Deixo aqui dois poemas:

### O IMPOSSÍVEL ACONTECE

O Messias nasceu de uma virgem.  
O grande pensador grego nunca escreveu um livro.  
A nona sinfonia é fruto de um homem surdo.  
Na Biblioteca de Babel o leitor era um poeta cego.  
E não tinha mãos o homem que fez  
as mais belas esculturas do meu país.

### ANALFABÉTICO

Nunca direi a palavra completa  
pois entre Alfa e Ômega  
sou Beta.

Nunca direi a verdade absoluta  
pois o que exponho  
não é sequer vitória  
mas uma parte da luta.

**CONHEÇA MAIS SOBRE/DE AFFONSO ROMANO DE  
SANT'ANNA ATRAVÉS DA INTERNET**

<http://www.escritas.org/pt/affonso-romano-de-santanna>

<http://affonsoromanodesantanna1001poets.blogspot.com.br/>

[http://www2.releituras.com/arsant\\_menu.asp](http://www2.releituras.com/arsant_menu.asp)

[http://www2.releituras.com/arsant\\_bio.asp](http://www2.releituras.com/arsant_bio.asp)

<http://www.nicoladavid.com/literatura/affonso-romano-de-santanna>

